

Primeiro motor imóvel: conceito e fundamentos

The unmoved mover: concept and fundamentals

Giorgio Borghi

Professor da Universidade Católica do Salvador (UCSal), Bahia. Brasil.

giorgio.borghi@ucsal.br

<http://lattes.cnpq.br/4558523804336897>

Jorge Ricardo da Silva Valois

Graduado em Teologia pela Universidade Católica do Salvador (UCSal), Bahia. Brasil.

jorge.valois@ucsal.edu.br

<http://lattes.cnpq.br/1174674183389781>

Resumo

O presente artigo tem como tema a teoria aristotélica sobre o motor imóvel. Trata-se de um estudo cujo objetivo é entender qual a natureza filosófica do primeiro motor e sua importância para a construção metafísica de Aristóteles. Para tanto, foi utilizado o método da pesquisa explicativa, a partir de levantamento bibliográfico. Dessa maneira, pode-se afirmar que o primeiro motor imóvel é compreendido como causa final de todo o universo, gerando o movimento dos seres por perfeição, tornando-se, assim, um objeto de imitação.

Palavras-chave: Aristóteles. Metafísica. Motor imóvel. Causa Final.

Abstract

The present article's theme is the Aristotelian theory about the unmoved mover. It's a study whose goal is to understand the philosophical nature of the prime mover and its importance to Aristotle's metaphysical construction. For that, it was utilized the explicative research method, with bibliographical study. Thus, it can be said that the unmoved mover is the final cause of the entire universe, it generates the movement of beings by perfection and it becomes an object of imitation.



Keywords: Aristotle. Metaphysics. Unmoved Mover. Final Cause

Introdução

Uma das perguntas fundamentais que a Filosofia faz, há séculos, está centrada na origem e no fim de todas as coisas. Tal questão possui fortes desdobramentos cosmológicos, antropológicos e teológicos. Muitos filósofos procuraram responder essa questão, desde os pré-socráticos, que buscavam a *arché* de todas as coisas, até às reflexões filosóficas contemporâneas, como as de Heidegger, com o seu ser-para-a-morte.

No presente artigo, foi feito um estudo acerca da resposta, dada por Aristóteles, para a origem e o fim de todas as coisas. O Estagirita tenta responder a essa questão com sua teoria sobre o motor imóvel, apresentando-o como uma substância incorruptível, eterna e ato puro, que provocaria o movimento dos seres, por meio da imitação.

Assim, o questionamento central do presente trabalho reside em entender qual a natureza filosófica do primeiro motor imóvel aristotélico, seu modo de ser e atuar. Porquanto, quer ser um estudo sobre como Aristóteles concebe, na sua metafísica, que ainda possui profundas raízes cosmológicas, a existência de um primeiro motor, o qual, mesmo não deixando de fazer parte do cosmos, possui características que o elevam a um patamar superior dos outros seres do universo.

A escolha por um estudo sobre a referida questão é fruto da inquietação do autor em compreender a metafísica aristotélica como um salto qualitativo, no pensamento filosófico, em pensar a ideia de uma causa não causada e de dar um suporte teológico a essa causa. Dessa forma, surgiu o interesse em estudar, de forma mais detida, como se dá a constituição do motor imóvel, no pensamento aristotélico, e sua relação para a formação e desenvolvimento de todo o cosmos.

Para alcançar o objetivo proposto, foi utilizado o método da pesquisa explicativa, a partir de levantamento bibliográfico, valendo-se do encadeamento dedutivo, recolhendo as perspectivas dos diversos estudiosos sobre o tema e sintetizando-as no presente trabalho. Assim, foram buscados, nos autores, os suportes teóricos, que respondessem e fundamentassem o questionamento principal desta pesquisa.

A primeira parte deste artigo traz uma reflexão sobre o contexto filosófico, em que se insere a teoria aristotélica do motor imóvel. De fato, já havia, desde os pré-socráticos, tentativas de compreender e estruturar um pensamento, que explicasse a origem de todas as coisas.



Já na segunda parte, reflete-se sobre os elementos e características fundamentais do motor imóvel, relacionando-o com outros conceitos da filosofia de Aristóteles, como matéria, forma, potência e ato. Além disso, aborda-se a questão da necessidade de uma substância incorruptível, que também fosse eterna.

Por fim, na terceira parte, analisa-se qual o modo de ser e de atuar do motor imóvel. Aparece a ideia de que o motor imóvel, apesar de não se mover, provoca o movimento, por imitação e desejo dos outros motores do universo, bem como a sua necessidade universal, pois seu ser é o bem.

1 A Teoria aristotélica das quatro causas e o motor imóvel

A tradição filosófica, que antecede Aristóteles, foi crucial para suas investigações a respeito da ciência das causas supremas. Nesse percurso, Tales, Anaxímenes, Diógenes, Hipaso e Heráclito admitiram apenas a existência de uma causa material. Já Parmênides, Anaxágoras, Hesíodo e Empédocles afirmaram a existência de uma causa material e outra eficiente (GRENET, 1992).

Também os pitagóricos admitiram uma causa material e uma causa eficiente, sendo que os números seriam, a sua vez, forma e matéria. Entre os que especularam sobre a unidade entre matéria e forma, Parmênides parece tê-la concebida como formal, Melisso como material e Xenófanés nem chegou a distinguir entre os dois sentidos possíveis.

Platão, por seu turno, percebeu claramente a importância da causa formal, com a qual entrava em conflito com o mobilismo de Heráclito, o qual ia de encontro à busca das essências estáveis pela definição socrática. No platonismo, as ideias são causa de tudo, mas as ideias também têm uma matéria. Com efeito, são causas formais o Uno (para as ideias) e as Ideias (para o sensível).

Em resumo, nenhum dos filósofos anteriores ao aristotelismo, que trataram sobre o princípio e sobre a causa, enunciaram nada que não possa estar contido nas causas que Aristóteles refletiu na Física e, sobretudo, na Metafísica, quando foi estabelecida a reflexão sobre uma quinta causa, o motor imóvel.

De fato, no seu intento de determinar as causas primeiras de todas as coisas, Aristóteles elaborou a teoria das quatro causas. As causas material e formal explicam por que as coisas são e como são. Já as causas eficiente e final explicam por que as coisas se movem. Para conhecer a causa última do Ser, é necessário saber o que faz com que o Ser possa chegar a ser.

Similarmente à maioria das correntes filosóficas gregas que o antecederam, o pensamento aristotélico advogava, com absoluta firmeza, a perenidade do universo, sustentando que o tempo deve ser perene. A existência do tempo, por sua vez, leva à admissão da mudança (ARMSTRONG, 1989).



Porém, a única mudança que apresentaria uma classe de movimento contínuo e eterno seria o circular. Consequentemente, o movimento das esferas deve ser eterno, sem começo nem fim. Mas, o movimento é a atualização de uma potência e requer algo já atual para produzi-lo.

Esse algo atual, que produz o movimento circular último, deve ser atualidade pura, eterno e carente de movimento ou mudança. Pois, do contrário, seria necessária uma nova atualidade, para colocá-la em ato e, assim, sucessivamente, até levar ao regresso infinito de causas.

De manera, pues, que el primer movimiento circular eterno debe producirse por la actualización eterna de su potencia por obra de un motor inmóvil, una substancia eterna, puramente actual, sin posibilidad de cambio o movimiento [...] Debe ser capaz de causar movimiento [...] y, además, debe ejercer incesantemente ese poder. [...] El motor inmóvil debe estar necesaria y eternamente en acto, según este segundo y más pleno sentido, si se quiere que sea la causa necesaria de un movimiento continuo y eterno¹ (ARMSTRONG, 1989, p. 147).

Dessa maneira, pode-se dizer que o filósofo elabora uma teologia, que não será propriamente um relato sobre os deuses, mas um discurso de inspiração essencialmente física sobre o primeiro motor, o qual explicaria o movimento contínuo e universal dos corpos celestes.

O Estagirita é, assim, o primeiro a oferecer uma explicação causal e racional do universo físico, fazendo-a depender de um primeiro princípio divino. Pela primeira vez, na história da metafísica, Deus é concebido como um princípio de explicação do mundo e como inteligência suprema, características que seguiriam sendo divinas, ao longo da história metafísica (GRODIN, 2014).

Aristóteles afirma que tudo o que se move é movido por algo. Mas, se tal sentença é verdadeira, a sucessão das causas levaria ao infinito e isso estaria fora de cogitação para o Estagirita. Assim, chega à ideia de que existe algum princípio, estabelecendo que as causas das coisas não podem ser infinitas e devem chegar a algum ponto. Esse ponto final seria Deus. Dessa maneira, Aristóteles identifica metafísica e teologia (TRUJILLO, 2015).

Tal conclusão aristotélica rompe com a tese platônica de que, apesar de acreditar que toda coisa movida é movida por algo, não exclui, de nenhuma maneira, que esse algo ou o motor possa coincidir de alguma maneira com a coisa movida, ou seja, que uma coisa possa mover-se por si mesma. Essa seria inclusive a definição oficial de alma para Platão: uma coisa que se move por si

¹ De maneira, pois, que o primeiro movimento circular eterno deve produzir-se pela atualização eterna de sua potência, por obra de um motor imóvel, uma substância eterna, puramente atual, sem possibilidade de mudança ou movimento [...] Deve ser capaz de causar movimento [...] e, ademais, deve exercer incessantemente esse poder [...] O motor imóvel deve estar necessária e eternamente em ato, de acordo com este segundo e mais pleno sentido, se se quer que seja a causa necessária de um movimento contínuo e eterno. (tradução nossa)



mesma. Em Aristóteles, os animais não são automotores, pois neles existe um elemento movido e outro que não o é, a saber, a alma. A automotricidade não é uma entidade simples, portanto (LASKS, 2013).

A teoria aristotélica do motor imóvel se fundamenta no argumento da existência de uma coisa movida e de um motor movido, o que implica a existência de um motor não movido. Isso evidentemente não impede que, entre a coisa movida e o motor imóvel, exista uma cadeia de motores, na qual cada um mova o seguinte.

O exemplo recorrente, trazido pelo Estagirita, é o de um homem que empurra uma pedra com a ajuda de um bastão. O próprio bastão, que move a pedra, é movido pela mão, assim como a mão também é movida por esse motor antecedente, que será tanto a sua alma, como o objeto de seu desejo (Física VIII 5). Deve-se acrescentar que um elemento-chave dessa cinética, e que foi a origem de sua derrocada, é que todo motor imóvel não deve atuar, ao longo da realização do movimento do qual é motor, ignorando, assim, o princípio do ímpeto e da inércia, fundamentos da física moderna.

Aristóteles admite a existência de múltiplos motores imóveis, que seriam divinos, mas sustenta que apenas um pode ser o primeiro motor, no qual confluem uma causa eficiente e uma causa final, ou seja, algo que atua, como agente externo das mudanças, e um fim, para o qual as coisas tendem.

Com efeito, os princípios intrínsecos das coisas, como matéria e forma, e suas causas extrínsecas, como agente e fim, se encontram por todas as partes, sempre na mesma relação, mas nunca na mesma realização (GRENET, 1992). Como primeiro de todos e fora de tudo isso estaria o primeiro motor, o que move tudo.

Por ser causa eficiente, é o motor que impulsiona a cadeia causal, que acaba movendo todas as coisas do mundo e é causa final, porque está ao final (ou ao princípio) da cadeia de motores. O primeiro motor imóvel move tudo como um objeto de desejo, como faz alguém que, sem se mover, coloca-se como um modelo a quem todos querem imitar. Assim, todas as coisas vivas se movem, por amor e admiração a Deus: essa seria a sua causalidade final (TRUJILLO, 2015).

Aristóteles tem consciência de que o todo do ser repousa sobre uma substância, que é a única necessária, que não encontra fora dela nada mais que pura potência do ser e que, pela excelência do bem que a define, suscita o amor e é imitável. Essa concepção do primeiro motor como ato substancial puro, soberanamente desejável e imitável, supera, no pensamento aristotélico, as teorias para explicar a origem do universo, elaboradas anteriormente por seus predecessores (GRENET, 1992).

2 Elementos metafísicos da teoria do motor imóvel



A preocupação aristotélica era demonstrar que existe, ao menos, uma substância eterna, pois, se não existisse, todas as coisas seriam corruptíveis. Por outro lado, defende que duas coisas são eternas, o movimento e o tempo. O tempo é eterno porque, se assim não fosse, haveria um tempo antes que o tempo fosse gerado ou um tempo depois que este se acaba e isso seria contraditório.

As substâncias, de fato, têm prioridade relativamente a todos os outros modos de ser, e se todas fossem corruptíveis, então tudo o que existe seria corruptível. Mas é impossível que o movimento se gere e se corrompa, porque ele sempre foi e também não é possível que se gere e se corrompa o tempo, porque não poderia haver o antes e o depois, se não existisse o tempo. Portanto, o movimento é contínuo, assim como o tempo: de fato, o tempo ou é a mesma coisa que o movimento ou uma característica dele. (ARISTÓTELES, 2002, p. 570-571).

Além disso, o movimento deve ser contínuo como o tempo, porque o tempo é uma determinação do movimento. E esse movimento é circular. Para que exista, porém, é necessária uma substância, um primeiro princípio que o cause. Essa substância, por sua vez, causa um movimento eterno.

De fato, um primeiro ponto é estabelecer a necessidade de uma substância incorruptível, já que, se o que é primeiro no ser é a substância e se todas as substâncias se corrompessem, todo o ser pereceria. Para mostrar a impossibilidade de que a totalidade do ser pereça, Aristóteles traz à baila a sua reflexão sobre o tempo, refletindo que o tempo é algo do movimento. Agora bem, a ideia de que o tempo pereça é absurda, pois haveria um tempo depois do tempo, que também seria tempo. Assim, Aristóteles chega à conclusão de que o ser das coisas que perecem repousa sobre uma natureza imperecível (GRENET, 1992).

Ademais, tal substância seria absolutamente imaterial, já que a materialidade implica a possibilidade de ser passivo e cambiante. Tal argumento seria apoiado no incessante movimento circular dos céus, que seriam movidos pelo primeiro motor (COPLESTON, 1982).

Um segundo ponto está em estabelecer a necessidade de uma substância motriz e em ato. Se for capaz de mover-se, não serve para explicar o movimento. Assim, seria preciso que exista um princípio tal que sua substância seja ato, o que implica que sejam imateriais, sem sombra de potência ativa.

Todo movimiento, todo paso de la potencia al acto, requiere algún principio en acto; pero si todo devenir, todo objeto que se mueve requiere una causa actual del



movimiento, entonces el mundo en general, el universo entero tiene que tener también un Primer Motor². (COPLESTON, 1982, p. 276).

De fato, a matéria ou potência não pode colocar-se a si mesma em movimento, nem passar por si mesma ao ato. A hipótese de uma noite ou caos eterno deve ser eliminada e substituída pela hipótese de uma causa em eterna atividade. Pode-se até falar de um ciclo (do caos ao cosmo ou vice-versa), na condição de causas próximas, mas deverá sempre submetê-las à ação fundamental de uma causa primeira da eterna identidade do ser. Qualquer outra causa deve ser colocada como subordinada e explicará a diversificação dos seres. Porquanto, o devir eterno se explicará como devir por causa da diversidade; e, como eterno, por causa da causa primeira da existência substancial.

Para o Estagirita, a hipótese de uma substância eterna e imutável, em ato e sem potência, é preferível à da noite, da confusão e do não ser originais (Metafísica XII, 7). E essa hipótese se verificaria, não em virtude de uma sequência lógica, mas de um fato: existe uma realidade movida sem fim (como um movimento circular).

O motor do primeiro móvel é um motor não movido, é eterno, substância e ato. De fato, para que essa substância seja a causa última do movimento deve ser imóvel, porque se fosse móvel, necessitaria de alguma coisa que o movesse, o que nos levaria de novo a uma infinita sucessão de causas.

Existe algo que sempre se move continuamente, e é o movimento circular (e isso é evidente não só para o raciocínio, mas também como um fato; de modo que o primeiro céu; deve ser eterno. Portanto, há também algo que move. E dado que o que é movimento e move é um termo intermediário, deve haver, conseqüentemente, algo que mova sem ser movido e que seja substância eterna e ato. E desse modo movem o objeto do desejo e o da inteligência: movem sem ser movidos (ARISTÓTELES, 2002, p. 575).

Ademais, essa substância eterna e imóvel precisa ser necessariamente ato puro, porque, se houvesse nela algo de potencialidade, teria a possibilidade de não se mover e, assim, não existiria um movimento eterno (TRUJILLO, 2015). Dada por suposta a eternidade do mundo, já que, se o tempo pudesse começar a ser, teria que haver um tempo anterior ao tempo, o que seria contraditório, e que o tempo está vinculado à mudança, também esta haveria de ser eterna. O motor imóvel, porém, causa a mudança, sem sofrê-la.

² Todo movimento, todo passo da potência ao ato, requer algum princípio em ato; mas, se todo devir, todo objeto que se move requer uma causa atual do movimento, então o mundo em geral, o universo inteiro tem que ter também um Primeiro Motor (tradução nossa).



La notion de moteur immobile coïncide au fond complètement avec la notion de forme ou d'être en acte; le moteur, c'est l'être en acte en tant qu'il a rencontré un mobile, capable de passer de la puissance à l'acte [...] l'action est ordonnatrice en même que motrice [...] le mobile comme tel n'a jamais de lui-même que la possibilité de se mouvoir³ (BRÉHIER, 1928, p. 155).

Já na Física VIII, o pensamento aristotélico realiza uma análise do ser, a partir da ideia do devir, que lhe parecia exigir um motor. É, por meio da análise do ser das substâncias corruptíveis, que Aristóteles reconheceu a existência necessária da substância incorruptível. Dessa forma, o ser das coisas em devir exige um motor, que seja o ser substancial em ato.

Extraño al orden del devenir, es ser: realiza el sentido pleno y primero del ser, es substancia; y lo realiza en su sentido perfecto: está en acto. En resumen, es el acto del ser, en el único sentido que Aristóteles puede dar a estas palabras: es una substancia que se confundirá con su acto⁴ (GRENET, 1992, p. 352).

O pensamento aristotélico exclui a potencialidade do primeiro motor, baseado na eternidade do movimento, pois, se houvesse potência no motor imóvel, haveria a possibilidade de ele não se mover, o que implicaria em descontinuidade do movimento, o que não era admitido por Aristóteles.

Com efeito, Aristóteles se pergunta de que maneira e em que medida uma coisa é potência de outra. Há potências mais ou menos próximas: a terra é menos diretamente potência do ser humano do que o esperma. No que concerne aos seres que possuem o princípio de sua geração no exterior, apenas são em potência na medida em que não têm nenhum impedimento ou obstáculo exterior nem interior. Já aqueles que possuem em si mesmos o princípio de sua atualização, para estar em verdadeira potência, não exigem mais que a ausência de impedimento exterior.

Assim, esboça-se uma hierarquia de seres em ato cada vez mais determinados, de maneira que cada ato está em verdadeira potência apenas naquele que lhe precede imediatamente. Na parte inferior da hierarquia, encontra-se o que é potência do ser menos determinado, e esta potência seria a matéria-prima.

Nesse sentido, a teoria aristotélica afirma que o ato é anterior à potência, seja do ponto de vista lógico ou do ponto de vista cronológico. De fato, apenas se pode pensar um ser como em

³ A noção de motor imóvel coincide, no fundo, completamente com a noção de forma do ser em ato; o motor, é o ser em ato, na medida em que ele conheceu um móvel, capaz de passar da potência ao ato [...] a ação é ordenadora ao mesmo tempo que motora [...] o móvel como tal jamais possui a capacidade de se mover. (tradução nossa)

⁴ Estranho à ordem do devir, é ser: realiza o sentido pleno e primeiro do ser, é substância; e o realiza em seu sentido perfeito: está em ato. Em resumo, é o ato do ser, no único sentido que Aristóteles pode dar a estas palavras: é uma substância que se confundirá com seu ato. (tradução nossa)



potência, porque se observa sua relação com o ato e é o ato da aprendizagem o que engendra a potência de executar posteriormente (GRENET, 1992).

Ainda, nessa mesma esteira, pode-se afirmar que o ato é anterior à potência em sua dimensão ontológica, já que o que é posterior, na ordem da geração, é anterior, na ordem da forma e do fim:

es el hombre adulto (acto de hombre) el que decide el inicio del proceso que conduce a la materia (potencia de hombre) al acto de hombre, primero porque el padre es padre en cuanto es ya hombre, después porque el crecimiento del niño está dominado por la forma adulta final. Incluso una acción que tiende a producir una obra distinta de ella y donde, por consiguiente, la acción está en el paciente, el acto es la razón de la potencia: se es arquitecto solo para construir⁵ (GRENET, 1992, p. 346).

Porquanto, em todas as ordens, o ato é anterior à potência, até que se chegue ao ato do motor eterno. De fato, ainda compete assinalar que os seres eternos são anteriores ontologicamente aos seres corruptíveis e não teriam nenhuma parte na potência, já que, se assim fosse, poderiam ser e não ser e, portanto, haveria um momento em que não seriam.

Assim, o motor imóvel, isento de potência, não é material; portanto, é ato puro, estritamente inteligível, ou seja, pensamento, inteligência pura e não pode pensar em outra coisa que não seja perfeito como ele, porque, se não, deixaria de ser perfeito. Porquanto, o Deus aristotélico é a coisa mais excelsa, pensa-se a si mesmo, e seu pensamento é pensamento de pensamento, afastando-se de uma concepção cristã de um Deus-Providência que pensa no ser humano:

Se, portanto, a Inteligência Divina é o que há de mais excelente, ela pensa a si mesma e seu pensamento é pensamento de pensamento [...] Portanto, não sendo diferentes o pensamento com o objeto de pensamento, nas coisas que não têm matéria serão o mesmo, e a Inteligência divina coincidirá com o objeto de seu pensamento (ARISTÓTELES, 2002, p. 585).

Reale, em suas colocações e estudos sobre o motor imóvel traz para reflexão algumas palavras que são as seguintes:

O pensamento que é pensamento de si tem como objeto o que é por si mais excelente, e o pensamento que assim é em máximo grau tem por objeto o que é excelente em máximo grau. A inteligência pensa a si mesma captando-se como inteligível: de fato ela se torna inteligível intuído e pensando a si, de modo a coincidirem inteligência e inteligível (2002, p. 141).

⁵ é o homem adulto (ato de homem) o que decide o início do processo que conduz a matéria (potência de homem) ao ato de homem, primeiro porque o pai é pai enquanto é já homem, depois porque o crescimento do menino está dominado pela forma adulta final. Inclusive uma ação que tende a produzir uma obra distinta dela e em que, por conseguinte, a ação está no paciente, o ato é a razão da potência: se é arquiteto apenas para construir. (tradução nossa)



O motor imóvel do universo é um intelecto cujo ato, princípio do movimento de tudo o que se move, consiste em entender. A tese aristotélica da identidade principal entre intelecto e inteligível sugere duas respostas simétricas e complementares: a primeira, anunciada por Aristóteles, consiste em dizer que o intelecto se entende a si mesmo (intelecção da intelecção); a segunda, consiste em dizer que se trata da totalidade dos objetos inteligíveis, inclusive de suas propriedades verdadeiras.

Além disso, essa Inteligência se basta a si mesma, porque, se necessitasse de algum objeto exterior que fosse objeto de seu pensar, levaria em si uma incompletude da sua potencialidade. Ademais, seu pensamento tem que ser intuitivo, imanente, dirigido por inteiro até um objeto que se encontre dentro de si mesmo. Porquanto, a conclusão final de Aristóteles parece ser que a inteligência divina não tem conhecimento de nada que se encontre fora de si mesma (ARMSTRONG, 1989).

Essa atividade intelectual é vida, no sentido de vida teórica ou contemplativa, porque ela é, por hipótese, atividade de um ato puro. Essa vida é a mais perfeita que se possa conceber. Isso implica também dizer que essa vida é a mais prazerosa, pois toda atividade de natureza psíquica acompanha um prazer como um excedente. Assim, pois, a atividade *noética* do motor imóvel, que é a atividade mais perfeita de todas, é acompanhada também de um prazer mais alto (LASKS, 2013).

Segundo Reale (2007), pode-se comparar esse motor imóvel com a ideia de Deus, ato puro sem potencialidade e matéria, vida espiritual e pensamento de pensamento. Sendo tal, obviamente, não pode ter nenhuma grandeza, mas deve ser sem partes e indivisível. E deve também ser impassível e inalterável.

Ademais, de acordo com Copleston (1982), sendo o primeiro motor imaterial, não pode realizar nenhuma ação corpórea. Sua atividade tem de ser puramente espiritual e, portanto, intelectual. Em outros termos, pode-se afirmar que a atividade do Deus aristotélico consiste em pensar e, já que conhecer seria participar intelectualmente no objeto, o objeto de Deus há de ser o melhor de todos os objetos possíveis e o conhecimento de que Deus desfruta não pode ser de nenhum modo um conhecimento que implique mudança, sensação ou novidade. Por conseguinte, Deus conhece a Si mesmo em um ato de eterna intuição ou consciência de Si.

Por eso Aristóteles define a Dios como “Pensamiento del Pensamiento”. Dios es un Pensamiento subsistente que se piensa a Sí mismo por toda la eternidad. Es más, Dios no puede tener ningún objeto de pensamiento que no sea Él mismo, pues en tal



caso tendría un fin fuera de Sí. Dios, por lo tanto, sólo se conoce a Sí mismo⁶ (COPLESTON, 1982, p. 277).

Para aclarar por que o motor imóvel é amado e desejado, recorre-se ao termo *coelementatio*, que seria traduzido por coordenação, presente no capítulo 7, do livro *Metafísica*. Santo Tomás *apud* Castrillejo (2011) explica dizendo que, igual que os movimentos das diferentes esferas possuem uma coordenação entre si, também as coisas inteligíveis têm a sua estruturação coordenada. Há, dessa maneira, um paralelismo entre a ordem do movimento e a inteligência do ser. O mesmo doutor da Igreja (2001), estudioso da filosofia aristotélica, relaciona o motor imóvel à criação divina, apresentando as cinco vias que provam a existência de Deus.

De fato, são mais inteligíveis as substâncias, já que os acidentes se conhecem através delas. E, entre as substâncias, as mais inteligíveis são as mais simples, pois não estão mescladas com a potência, a qual é menos inteligível que o ato. Por isso, o mais inteligível, a substância simples coincide com o primeiro motor, que é ato puro.

Portanto, já que o inteligível e o desejável, por parte da vontade, são correlativos, o mais inteligível também será o mais desejável. A diferença se encontra em que o inteligível está no ato, enquanto se encontra presente no entendimento; já o apetecível está por encontrar-se nas coisas. Ou seja, a substância mais inteligível, que é o primeiro motor, será também o primeiro, na ordem do desejável, e o melhor (CASTRILLEJO, 2011).

Dessa maneira, a finalidade fica fixada como a causa suprema que move as coisas do mundo. Com efeito, Aristóteles concebe o mundo como uma realidade encaminhada para um fim. Esse fim, por sua vez, explica a existência e a essência das coisas.

Ademais, de acordo com Castrillejo (2011), o Estagirita coloca o motor imóvel conhecendo-se a si mesmo, dado que o seu próprio ser é o melhor que existe. Santo Tomás mostra que a autointelecção do motor imóvel não significa que ignore os demais, pois seria o primeiro princípio do qual dependem o Céu e toda a natureza. Sendo assim, a realidade mais digna e poderosa, desfrutará da melhor das inteligências. Conhecendo-se perfeitamente e sendo ele próprio ser causante dos demais, conhecerá todos os efeitos que produz, já que aquilo que os efeitos produzem está presente virtualmente nas causas.

Dessa forma, pode-se compreender que a preocupação do pensamento aristotélico, na reflexão sobre o motor imóvel, estava em identificar a causa primeira de todas as coisas. Essa preocupação

⁶ Por isso Aristóteles define Deus como “Pensamento de Pensamento”. Deus é um Pensamento subsistente que se pensa a Si mesmo por toda a eternidade. Além disso, Deus não pode ter nenhum objeto de pensamento que não seja Ele mesmo, pois em tal caso teria um fim fora de Si. Deus, portanto, apenas se conhece a Si mesmo. (tradução nossa)



não era estranha à filosofia grega, pois, desde os pré-socráticos, investigava-se qual a origem de todas as coisas.

No entanto, Aristóteles vai além da gênese pré-socrática, pois estabelece que o princípio de tudo, o motor imóvel, seria algo distinto de todas as coisas e não apenas um elemento da natureza. Assim, chega à ideia de uma causa não causada, o que é fundamental para a metafísica, pois isso seria a substância essencial, o Ser por excelência.

Quando se fala em primeiro motor, não deve, de acordo com Copleston (1982), ser entendido com um sentido temporal, já que o movimento é eterno. Mas, deve ser entendido no sentido de Supremo, pois o primeiro motor seria a eterna fonte do movimento eterno. Porém, esse motor não foi entendido como um Deus Criador, dado que o mundo existe desde toda a eternidade, sem nunca ter sido criado.

No pensamento aristotélico, Deus não cria o mundo, mas o forma. Por ser Deus a Fonte Suprema do movimento, exerce uma atração sobre as coisas, atua como soberana Causa Final. Com efeito, se Deus atuasse como causalidade eficiente física, dando um "empurrão" aos seres, haveria uma reação do movido sobre o motor, mudando Ele mesmo, o que não poderia ser admitido, no pensamento aristotélico.

Assim, a contribuição de Aristóteles abre um importante campo para a teologia natural, ao pensar a ideia de uma inteligência, que seria a origem de todo o universo. Como o primeiro motor é Inteligência ou Pensamento, reflete Copleston (1982) que esse deus aristotélico poderia ter um sentido pessoal, mas não o seria *secundum nomen*, mas *secundum rem*. Tampouco, o Estagirita o teria concebido como objeto de culto ou como um Ser para o qual seriam dirigidas preces.

3 A “motricidade” do ato puro da substância primeira

O pensamento aristotélico tenta determinar em que consiste a motricidade do ato puro da substância primeira. Para evitar toda passividade, a qual comprometeria a pureza de seu ato, deve-se evitar toda reação por parte do móvel, pois todo contato implica ação recíproca, o que introduz passividade no motor (Física III).

Desse modo, esse ser remoto e completo atua como primeira causa universal do movimento sendo objeto de amor e desejo. Não poderá, portanto, atuar por obra de nenhuma ação própria, pois isso o retrairia na sua perfeição de bastar-se a si mesmo (ARMSTRONG, 1989).

Assim, conforme sintetiza Grenet (1992), é estabelecido o modo de atuar do motor imóvel. Estabelece, em primeiro plano, que mover sem ser movido é o que ocorre com os objetos de



pensamento e de desejo. Pois, são idênticos em suas formas primárias, já que o objeto do desejo somente o é enquanto é conhecido como bom.

Após: o que, por si mesmo, é objeto de pensamento se encontra no rol dos predicados positivos. Nesse elenco, encontra-se a substância. E, entre as substâncias, aquele que é simples e em ato encabeça a lista. Ainda, o bem, o desejável por si mesmo, pertence também a essa lista de predicados positivos. O primeiro termo de tal elenco deve ser o bem, em grau supremo.

Em termos cosmológicos, Aristóteles explica que o primeiro céu, também entendido como a esfera das estrelas fixas, o qual para ser considerado como dotado de vida e inteligência, deseja a perfeição absoluta do motor imóvel e, em virtude de seu desejo, imita essa perfeição o melhor que pode, movendo-se eternamente em círculo, o mais perfeito de todos os movimentos (ARMSTRONG, 1989).

Na medida em que todos os movimentos e mudanças que ocorrem no universo dependem desse primeiro movimento, a causa daqueles reside, por último, no desejo que lhes inspira a pura e perfeita atualidade do primeiro motor, a inteligência divina ou Deus. Assim, o esforço, na procura da atualidade mais perfeita possível, por uma mais completa atualização da forma, é a expressão do desejo pela perfeição divina.

Por fim, é impossível encontrar, entre as substâncias eternas, uma causa final, ou seja, aquilo em proveito do qual o bem é desejado. Mas, pelo contrário, nada impede que uma substância imutável seja a causa final, no sentido de que é um bem desejado. Assim, a causa final move a que ama, enquanto que as demais causas movem, sendo elas mesmas movidas.

Nesse sentido, para Copleston (1982), Deus move o universo, sendo a Causa Final, o objeto dos desejos. Deus, então, apareceria como o primeiro motor, que move diretamente o primeiro céu, causando, assim, a diária rotação das estrelas em torno da terra. A maneira como move é inspirando amor e desejo.

Deve haver uma Inteligência da primeira esfera e outras Inteligências nas demais esferas, sendo tal faculdade de natureza espiritual. A esfera toda deseja imitar a vida de sua Inteligência o melhor possível. Não sendo capaz de imitá-la, em sua espiritualidade, aproxima-se o máximo que pode a ela, girando circularmente, que é considerado o movimento mais perfeito de todos.

Explicado o modo de atuar do motor imóvel, deve ser esclarecido o seu modo de ser (GRENET, 1992): o primeiro motor é um ser necessário e, como necessário, seu ser é o bem e, é desse modo, é princípio, do qual dependem o céu e toda a natureza. Porquanto, esse ser, que não



possui nenhum tipo de movimento, inclusive local e interno, não possui nenhuma passividade, potencialidade, possibilidade e contingência.

Ademais, esse princípio é vida e uma vida que é da mesma ordem que a do ser humano, tomada em seu mais alto grau de perfeição. Porém, enquanto a vida humana é temporária, a do motor eterno dura eternamente. Sua atividade é prazerosa e seu pensamento é independente de todo conhecimento inferior, pois é pensamento do supremamente inteligível, que é o bem supremo.

É atividade que pensa o seu próprio pensamento. Sua vida divina é do mesmo tipo que a contemplação humana pode atingir. Como afirmou, na *Metafísica*, VII:

Así, pues, si este estado de alegría que nosotros sólo poseemos en ciertos momentos, Dios lo tiene siempre, es admirable; pero si lo tiene más, es más admirable aún. Y es así como lo tiene. Pues el acto de inteligencia es vida, y este acto mismo, y el acto por sí mismo (existente), que es su obra, es la vida perfecta y eterna. Así llamamos Dios a un ser vivo eterno y perfecto, de manera que la vida y la duración continua pertenecen a Dios, pues esto mismo es lo que es Dios⁷ (*apud* GRENET, 1992, p. 354)

Como terceiro passo, a já explicada exclusão de toda potencialidade, logo, de toda matéria, demonstra, como já afirmado por Aristóteles, em *Física* VIII, que o primeiro princípio está fora do espaço. Porquanto, está isento de qualquer deslocamento local, como já preconizava Xenófanes, e qualquer mudança qualitativa poderia afetá-lo. Ficam asseguradas, então, sua natureza espiritual e sua imutabilidade.

Cabe assinalar ainda que Aristóteles parece não ter tido a pretensão de definir quantos seriam os motores imóveis. No seu livro *Física*, encontram-se três passagens (258 b 11; 259 a 6-13; 259 b 28-31), em que se fazem referências a uma pluralidade de motores imóveis. Já na *Metafísica* VIII, aparecem 55 motores transcendentais.

No entanto, nos livros VII e IX, Aristóteles fala de um único motor imóvel. Tal contradição é resolvida por estudiosos, como Jaeger *apud* Copleston (1982), afirmando que os trechos que falam da pluralidade de motores imóveis são acréscimos posteriores à obra do filósofo. Já Armstrong (1989) afirma não haver indícios que permitam saber como Aristóteles via esses motores imóveis em sua relação com o primeiro motor.

⁷ Assim, pois, se este estado de alegria que nós apenas possuímos em certos momentos, Deus o tem sempre, é admirável; mas se o tem mais, é mais admirável ainda. E é assim como o tem. Pois o ato de inteligência é vida, e este ato mesmo por si mesmo (existente), que é sua obra, é a vida perfeita e eterna. Assim chamamos Deus a um ser vivo eterno e perfeito, de maneira que a vida e a duração contínua pertencem a Deus, pois isto mesmo é o que é Deus. (tradução nossa)



Posteriormente, os neoplatônicos vão questionar a pertinência de múltiplos motores imóveis, já que, segundo Aristóteles, a matéria é princípio de individuação e os motores seriam desprovidos de materialidade. De fato, já em tempos de Teofrasto, alguns aristotélicos defendiam veementemente a doutrina de um único motor imóvel, por não entender como se poderiam harmonizar os movimentos independentes, causados pela pluralidade de motores (COPLESTON, 1982).

A partir dessa noção de uma pluralidade de motores, foi que os filósofos medievais supuseram que as Inteligências ou os anjos são quem movem as esferas. Fazendo-os subordinados ao primeiro motor, ou seja, a Deus, e dependentes d'Ele, adotaram uma posição, em que, para haver harmonia, os outros motores devem mover-se em subordinação ao primeiro motor e devem estar vinculados a ele, pela inteligência e pelo desejo.

No entanto, Armstrong (1989) entende a concepção aristotélica de Deus como insatisfatória e inadequada. Com efeito, a Inteligência eterna, encerrada em um estéril bastar-se a si mesma, contemplando eternamente seu próprio pensar, sem conhecer nem desejar o universo e influenciando nele apenas através da incessante rotação que o desejo de sua inalcançável perfeição provoca no primeiro céu, não se parece com a ideia geral de Deus. Portanto, a perspectiva teológica aristotélica é muito mais ligada à natureza do universo material e à sua astronomia.

Conclusão

Em vista dos argumentos apresentados, entendemos que o presente trabalho não possui a pretensão de oferecer uma conclusão definitiva e acabada a respeito da importante questão da metafísica aristotélica sobre o motor imóvel, mas apontar um caminho de reflexão que permita o contínuo aprofundamento e estudo do tema.

Assim, respondendo ao questionamento central de toda a presente pesquisa, pode-se entender a natureza filosófica do motor imóvel aristotélico. Trata-se de uma causa final de todo o universo, que era o movimento dos seres por sua perfeição, e que por isso se torna objeto de imitação.

Com efeito, Aristóteles, quando da elaboração de suas próprias teses, já conhecia a tradição filosófica que o precedera, especialmente o esforço para a elaboração de uma explicação racional para a origem dos seres. No entanto, inaugura uma nova visão, ao estabelecer um princípio cosmológico e, ao mesmo tempo, teológico para explicar a gênese de tudo: o primeiro motor imóvel.

Estabelece o Estagirita que tudo que move é movido por algo. Assim, chega à ideia de que existe um princípio, pois as causas das coisas não podem ser infinitas. Esse motor, portanto, seria



causa eficiente, porque acaba movendo todas as coisas e também é causa final, pois o primeiro motor imóvel é objeto de desejo e modelo, a quem todas as coisas querem imitar.

Ademais, o pensamento metafísico aristotélico se fundamenta na necessidade de uma substância incorruptível, já que, se todas as substâncias se corrompessem, todo o ser pereceria. Tal substância deveria ser absolutamente imaterial, visto que a materialidade implica a necessidade de ser passivo e cambiante.

Além disso, o primeiro motor deveria ser ato puro, pois, se houvesse algo de potencialidade nele, haveria a possibilidade de não se mover e, assim, não existiria um movimento eterno. Porquanto, o ato é anterior à potência, seja sob o ponto de vista lógico, como cronológico.

Dessa maneira, pode-se afirmar que o motor imóvel é um intelecto cujo ato, princípio do movimento de tudo o que se move, consiste em inteligir. Há uma identidade entre intelecto e inteligível, já que ele se entende a si mesmo e possui a totalidade das propriedades verdadeiras dos objetos inteligíveis. Tal Inteligência, assim, se basta a si mesma.

Na condição de causa não causada, o motor imóvel pode ser compreendido como o Deus aristotélico. Mas, não se pode atribuir-lhe características como Criador e Pai Providente, já que esse motor não foi pensado como um ser que está para além do cosmos, apesar de ter sido alçado como sua meta final.

Cabe ainda esclarecer que o primeiro motor é um ser necessário e, como tal, seu ser é o bem. Assim, nesse ser não há nenhum tipo de movimento, inclusive local e interno, e não possui nenhuma passividade, potencialidade, possibilidade e contingência.

Devido às limitações próprias de um artigo científico, muitas questões vinculadas à temática não puderam ser abordadas, especialmente aquelas ligadas ao tema da natureza da ação do motor imóvel, aprofundando de que maneira podem ser conciliados a imutabilidade e a não passividade, bem como qual o caráter de pessoalidade da substância primeira. Assim, a questão da natureza filosófica do motor imóvel de Aristóteles não foi esgotada, estando aberta para posteriores análises e aprofundamentos.

Por fim, espera-se que esse trabalho possa ser uma contribuição para o aprofundamento da reflexão acerca da finalidade última de todas as coisas e de como o pensamento metafísico aristotélico pode lançar luzes ainda para o homem contemporâneo, no seu desafio de busca de sentido e da sua compreensão de si e do mundo.



Referências

- AQUINO, Tomás. *Suma de Teología*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.
- AUBENQUE, Pierre. *El Problema del Ser en Aristóteles*. Madrid: Taurus, 1974.
- ARMSTRONG, A. H. *Introducción a la Filosofía Antigua*. Buenos Aires: Editorial Universitaria, 1989.
- ARISTÓTELES. *Física*. Madrid: Editorial Gredos, 1995.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. 2º ed. Tradução, introdução e comentários de Giovanni Reale. Loyola: São Paulo, 2002.
- BRÉHIER, Émile. *Histoire de la Philosophie*. Premier tome: L'Antiquité et le Moyen Age. Paris: Librairie Félix Alcan, 1928.
- COPLESTON, Frederick. *Historia de la Filosofía*. Barcelona: Ariel, 1982.
- CASTRILLEJO, David Torrijos. Santo Tomás y el Motor Inmóvil. *Revista Española de Filosofía Medieval*, Madrid, vol. 18, p. 123-135, 2011.
- GRENET, Paul-Bernard. *Historia de la Filosofía Antigua*. Curso de Filosofía Tomista. Barcelona: Herder, 1992.
- GRODIN, Jean. *Introducción a la Metafísica*. Barcelona: Herder, 2014.
- LASKS, André. Los Motores Inmóviles de Aristóteles. Una Introducción Sencilla a un Problema Complejo. *Revista Tópicos de Filosofía*, Ciudad de México, p. 5-24, 2013.
- TRUJILLO, Ruiz. *Aristóteles. De la Potencia al Acto*. Madrid: Impresia Ibérica, 2015.
- REALE, Giovanni. *História da filosofia grega e romana*. Loyola: São Paulo, 2007.

Recebido: 08/01/2021

Aceito: 21/03/2021